

Pensar a docência em espaços dialógicos críticos: reflexões a partir das leituras de Paulo Freire

Evandro de Godoi¹, Márcia Adriana Rosmann², Leonardo Matheus Pagani Benvenuti³

Resumo

O presente relato comunica experiências constituídas nos debates que ocorreram no “Fórum de estudos: leituras de Paulo Freire”, um evento itinerante que acontece no Rio Grande do Sul. Com periodicidade anual, ele se divide em círculos temáticos nos quais são discutidas questões pertinentes à educação das classes populares. Neste relato, discute-se a docência e os desafios dela, além das possibilidades existentes a partir de um viés popular. É preciso sensibilizarmo-nos de que a docência deve ser discutida de maneira crítica e radical a partir dos diferentes lugares ocupados pelos sujeitos. A universidade pode ser um desses locais, no momento que efetiva a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, de forma a criar espaços para que o diálogo, com as demandas, sobretudo das classes populares, aconteça, e que outros projetos de sociabilidade e formação humana sejam gestados.

Palavras-chave

Educação popular. Diálogo. Outros espaços formativos.

Thinking about teaching in critical dialogical spaces: reflections from Paulo Freire’s readings

¹ Mestrando em Educação na Universidade Federal de Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil; técnico administrativo em educação no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Farroupilha, Campus Santo Augusto, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: eyevandro@gmail.com.

² Mestra em Educação pela Universidade de Passo Fundo, Rio Grande do Sul, Brasil; professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Farroupilha, Campus Santo Augusto, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: marcia.rosmann@iffarroupilha.edu.br.

³ Mestre em Educação pelo Instituto Politécnico do Porto, Portugal; professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Farroupilha, Campus Santo Augusto, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: leonardo.benvenuti@iffarroupilha.edu.br.

Abstract

This report communicates experiences constituted in the debates that took place in the study forums: readings by Paulo Freire, an itinerant event that takes place in Rio Grande do Sul. The event that takes place annually is divided into thematic circles in which issues pertinent to the education of children from the working class are discussed. This report discusses teaching and its challenges, but also its possibilities from a popular perspective. We need to be aware that teaching must be discussed critically and radically from the different places that the subjects occupy. The university can be one of these places when it implements the inseparability between teaching, research, and extension, creating spaces for dialogue of demands, especially from the working class, to be made and for other projects of sociability and human formation to be managed.

Keywords

Popular education. Dialogue. Other training spaces.

⁴ Master degree student in Education, Federal University of Pelotas, State of Rio Grande do Sul, Brazil; administrative technician in education at the Federal Institute of Education, Science and Technology of Farroupilha, Campus Santo Augusto, State of Rio Grande do Sul, Brazil. E-mail: eyevandro@gmail.com.

⁵ Master in Education, University of Passo Fundo, State of Rio Grande do Sul, Brazil; professor at the Federal Institute of Education, Science and Technology of Farroupilha, Campus Santo Augusto, State of Rio Grande do Sul, Brazil. E-mail: marciarosmann@iffarroupilha.edu.br.

⁶ Master in Education, Porto Polytechnic Institute, Portugal; professor at the Federal Institute of Education, Science and Technology of Farroupilha, Campus Santo Augusto, State of Rio Grande do Sul, Brazil. E-mail: leobenvenuti@iffarroupilha.edu.br.

Introdução

Anualmente, organizados mediante círculos de cultura orientados por ideias inspiradas na obra de Paulo Freire, centenas de educadoras/es e educandas/os problematizam questões concernentes à educação contemporânea, com olhares dedicados à práxis humanista, em dois eventos itinerantes realizados no estado do Rio Grande do Sul: o “Fórum de Estudos: Leituras de Paulo Freire” e o “Seminário Nacional Diálogos com Paulo Freire”; organizados por diversas instituições públicas e privadas. Foi possível, nos anos de 2012 a 2020, integrar alguns desses círculos com membros representantes do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Farroupilha – *Campus* Santo Augusto/RS, como professores, técnicos administrativos e acadêmicos. A experiência demonstrou a possibilidade de conceber reflexões acerca de nossas práticas e estudos, vivenciar espaços de diálogos epistemológicos e de práxis que geraram chaves de leituras potencializadoras de permanente formação, as quais buscamos incessantemente.

Neste trabalho, nos propomos a trazer algumas questões comunicadas/emergidas nos relatos dos demais participantes desses eventos, sem delimitação de eixos temáticos, a fim de submetê-las ao nosso pensar crítico, assim propiciando um exercício de práxis e, ao mesmo tempo, afirmando a importância de existirem esses espaços dialógicos para uma pedagogia progressista. A dimensão crítica das reflexões se dá no sentido de buscar as raízes e os entrelaçamentos dos diálogos, reforçando a importância, como diz Saviani (2000), da filosofia na formação em educação. Também em Saviani (2000), é possível delinear alguns conceitos, como o de crítica e o de reflexão, ambas atividades que devem se fazer com rigor, radicalidade e em conjunto.

Professor: estrito mediador do conhecimento?

Na ética da missão educativa, percebemos professores como mediadores, organizadores do conhecimento (Gadotti 2011). A formação ética do educador é um componente fundamental para o desenvolvimento de uma prática educativa de qualidade socialmente referenciada. Os educadores, ao assumirem o compromisso ético com seu papel como formadores, não podem limitar-se apenas ao ensino de conteúdos acadêmicos, mas devem priorizar a formação do sujeito para a ação em cidadania. Ação no sentido de estar no espaço público e dizer sua palavra de forma ética, estética e orgânica, o sujeito deve se ver imbuído de responsabilidade social

com o mundo de relações em que vive. Porém, para além da dimensão profissional-científica, a prática pedagógica da apresentação dos conhecimentos em sala de aula entra em uma disputa simbólica com fatores opressores, pois os sujeitos não dicotomizam o espaço-tempo da escola em relação às outras dimensões de suas vidas, ou seja, conflitos sociais, de modo direto ou indireto, permeiam o espaço pedagógico, e cabe ao educador lançar mão da sensibilidade dialógica para lidar com as tensões existentes.

Para exemplificar, recordemos o relato de uma educanda bolsista que, por não conseguir lidar com conflitos com um aluno, retirou-se do programa. Após a saída dela, um professor da escola foi agredido fisicamente pelo referido aluno. Sensibilizamo-nos com o relato das diversas tentativas empreendidas pela bolsista na busca de uma resolução para os conflitos, com sua amorosidade frente à questão da agressividade apresentada pelo aluno, na intencionalidade de educar para além da ciência, para a formação humana do sujeito.

O ato de autorreflexão e exposição dela sobre o tema nos faz pensar que o tópico gerador “violência e evasão” precisa ser trabalhado em uma perspectiva crítica para que os educadores consigam trabalhar na dimensão de mediadores de conflitos, respeitadas suas proporções. A crítica à evasão escolar envolve uma análise dos discursos e das práticas que perpetuam um problema social de grande magnitude. A retórica da evasão escolar, muitas vezes, desconsidera a complexidade das condições individuais e estruturais que levam os estudantes a abandonarem a escola. No entanto, é imprescindível reconhecer que a crítica à evasão escolar não se trata apenas de uma responsabilização individual, mas de um questionamento do compromisso da sociedade com a educação. A problematização se faz necessária para identificar as raízes desse fenômeno, a fim de encontrar soluções que sejam capazes de proporcionar igualdade de oportunidades e garantir que todos os sujeitos possam ter acesso e permanência na escola. Essa crítica fundamentada e embasada no compromisso com a educação, sobretudo das classes populares, deve ser assumida para abordar o tema.

A aposta, sem verbalismos, é dialógica. Entre pares, profissionais de saúde, comunidade e educandos, por meio do resgate histórico dos condicionantes geradores de conflitos, expressos pela própria palavra dos sujeitos em situação de opressão. Concordamos com Freire (1987, p. 45, grifo do autor) ao afirmar que “se é dizendo a palavra com que, *pronunciando* o mundo, os homens o transformam, o diálogo se impõe como caminho pelo qual os homens ganham significação enquanto homens”. Neste sentido, acreditamos na dignidade dos educadores que lutam contra os problemas desumanizantes da escola, na perspectiva de um espaço de desenvolvimento integral.

Do desencanto dos novos professores

Nos chama atenção a fala de uma educadora que relata perceber o desencanto e o fatalismo de professores recém-graduados em suas atividades didático-pedagógicas, bem como em suas falas e expressões, em que outrora se mostravam discentes defensores do sonho possível de uma educação mais crítica, criativa e libertadora. Observa que o ideário freireano, de mudança possível, foi abafado pelo fatalismo gerado na dura realidade das escolas públicas que atendem às classes sociais economicamente desfavorecidas. A educadora percebe a perda de ânimo nesses professores, que reduzem o trabalho às atividades administrativas rotineiras e à sala de aula com didáticas mecanicistas, muito reduzidas se comparadas às desenvolvidas enquanto acadêmicos dos cursos de licenciatura.

Então, a partir do exposto, convidamos, com este texto, à reflexão sobre algumas variáveis sociais, materiais e históricas que levam à existência desse quadro. Em um exercício empático, nos colocamos na seguinte situação concreta: salário baixo, alta carga horária em sala de aula, carência de recursos humanos e materiais, baixa motivação dos alunos, formação continuada ineficaz, autoritarismo, políticas educacionais e currículos exógenos aos interesses da escola e da comunidade. Não pretendemos visualizar o professor como vítima, tampouco responsável único pela conformação fatalista, sendo seu caráter majoritariamente histórico-social. Acreditamos na possibilidade de superação destes condicionantes ao concordarmos com Paro (2000, p. 99), quando afirma que “como qualquer outro trabalhador, o professor tem o direito de lutar por salários justos e melhores condições de trabalho, mas, pela natureza das atividades que desempenha e pelo seu papel político na distribuição do saber, tem que ter um mínimo de compromisso com um ensino de qualidade.”

Pensamos, ademais, que o problema em questão ocorre, também, devido aos novos professores estarem pela primeira vez atuando na escola pública fora da segurança da unidade ação-reflexão que faziam anteriormente ao nível acadêmico, com incursões na escola em forma de bolsas e estágio, com um papel social distinto de quando se é professor titular da instituição. A unidade ação-reflexão que precisam desempenhar agora terá um outro peso em suas vidas profissionais, e talvez por isso alguns novos professores decidam por trabalhar de modo mais conformado com a realidade injusta. Mas, pondo-nos no lugar do outro, precisamos acreditar, esperançosamente no seu potencial de organização e de desenvolvimento de um trabalho docente “[...] a favor da boniteza de minha própria prática [...]” (Freire, 2011, p. 100-101).

Do refazer-se no diálogo com os outros e com o mundo

Nas leituras de Freire, na evolução do seu pensamento, percebemos a humildade do educador, que reconhece em si a incompletude, as limitações, os êxitos. Humildade que se faz coerente ao tomar sua obra como um todo. Freire fundamentou-se em correntes de pensamentos fenomenológicas, marxistas, pós-críticas, e construiu sua síntese e práxis no compromisso com os trabalhadores, com os “condenados da terra” e com sua tarefa de libertação. Nesse sentido, nas palavras de Freire, proferidas na sua última entrevista, fica explícito a sua epistemologia concreta construída a partir das leituras e vivências, sem, no entanto, eximir-se de sua simplicidade e de sua relação com Deus, pois ele buscava, incessantemente, a partir da mundanidade, a transcendentalidade.

Sustentamos que, assim como sua obra, a postura do educador, enquanto crítico e autocrítico, segue como inspiração, se fazendo necessária atualmente. Dos desafios ao olhar crítico do mundo que hoje se apresentam, destacamos os seguintes: O sectarismo, que Freire já anunciava como atitude “reacionária porque, apropriando-se do tempo, de cujo saber se sentem igualmente proprietários, terminam sem o povo, uma forma de estar contra ele” (Freire, 1987, p. 14), ou seja, aos críticos que julgam possuir a verdade e privam-se do diálogo com os outros e com o mundo, acreditamos que a crítica deva se renovar, se humanizar e ser construção dos pensadores com o povo e não sobre o povo. Outro desafio ao olhar crítico é o pensamento contemporâneo, por alguns chamado de pós-modernismo, pós-criticismo; um modo de pensar que, a despeito das contribuições importantes que traz pelas reflexões, despreza o agir humano de sua vocação ontológica, a de mudar o mundo, libertar-se e libertar os opressores, desumanizados.

Nesse caminho, os espaços que privilegiam o diálogo, o (re)fazer-se com o outro, como são os Fóruns de estudos e os Seminários de Diálogos, surgem como possibilidades de, com os outros, olharmos a nós mesmos, autocriticar-nos, reconhecer-nos inconclusos, inacabados. Dessa forma, nossa compreensão e valorização do outro, nos permite reinventarmos e reinventar a obra e o pensamento freireano, e não apenas reproduzi-la.

Para ilustrar a importância das reflexões construídas a partir das leituras e dos diálogos, tendo como tema gerador maior a “transformação social”, em um dos grupos de trabalho discutimos a respeito da multiculturalidade, dos preconceitos e dos desafios que os sujeitos enfrentam no cotidiano das escolas e demais instituições. No momento, o diálogo era composto

por educadores, conselheiros tutelares, estudantes de pós-graduação com diferentes objetos de reflexão e educadores especiais⁷; todos trazendo ao debate, mediatizados pelas reflexões com Paulo Freire, situações que são desafiadoras à práxis de quem está comprometido com as relações humanas e visam à emancipação. Dentre as sínteses realizadas, as palavras “equidade” e “alteridade” foram percebidas como um horizonte maior. Os sujeitos devem ter direito à diferença, à diversidade de crença, à prática cultural, mas ainda assim a busca deve ser pela igualdade em direitos, pelo reconhecimento do outro na perspectiva da alteridade.

Ao negar a dignidade do outro, o próprio eu nega a si mesmo. O opressor se desumaniza ao desumanizar o oprimido. Não é possível desumanizar sem desumanizar-se. Por isso, o reconhecimento do outro, da alteridade, é essencial no processo de libertação, na construção de uma sociedade humanizada. [...] Não é possível pensar um projeto de sociedade democrático, justo, fraterno se não sou capaz de reconhecer o outro como outro e aceitar o outro em sua experiência de vida, em sua diferença em relação a mim (Trombetta, 2008, p. 35).

Em torno dos que estudam a obra freireana, é possível arriscar que o estão fazendo movidos, dentre todas as motivações que tenham, por um sentimento de fé no ser-humano e que sua vocação de ser mais, ir além, fazer um mundo onde seja “menos difícil amar”. Um desafio que fica é a possibilidade de somar, lutar juntos, unir-se na diversidade das pautas, perceber os fios comuns das opressões vivenciadas pelos sujeitos, sejam essas opressões de classe, gênero, sexualidade, etnia, e todas outras que existem.

Inúmeras são as temáticas intrínsecas à obra freireana e abordadas nos círculos de cultura, seja no “Seminário Diálogos com Paulo Freire” ou no “Fórum de Estudos e Leituras de Paulo Freire”. Algumas delas são marcantes e merecem constante retomada no cotidiano de nossas ações teórico-práticas. Além de nos possibilitar “a consciência do nosso inacabamento”, elas são fundamentais para a construção de uma práxis educativo-crítica que valoriza o sujeito e o contexto dele, e o reconhece como autor de sua própria história, ontologicamente vocacionado para o “ser mais”.

Historicamente, os seres humanos foram se desenvolvendo e construindo seu legado. A fala foi desenvolvida e, a partir dela, as diversas linguagens e formas de comunicação que hoje fazem parte da nossa vida. Um conceito importante desenvolvido por Freire e grandiosamente abordado nos eventos citados refere-se ao *diálogo*. Somos todos sujeitos de fala pois, para Paulo Freire, diálogo não é técnica, nem procedimento, ele é ontológico – faz parte da história da

⁷ Educadores especiais refere-se aos educadores que trabalham com público específico em contextos de inclusão.
Rev. Ed. Popular, Uberlândia, v. 24, n. 1, p. 248-257, jan.-abr. 2024.

natureza humana. Diálogo é processo, é poder. É capacidade de escuta, não simples oitiva, mas escuta ativa e reflexiva com radicalidade e criticidade. Sim, o diálogo em Freire pressupõe escuta. Parada para reflexão e, sobretudo, para escutar o outro, situação ou oposição, mas escutar, com atenção devida e respeitosa. Nesse sentido, na *Pedagogia do Oprimido* (1987), Freire afirma que o verdadeiro diálogo ocorre entre A e B, e não de A sobre B. A primeira forma ressalta a fala e a escuta simultaneamente. A segunda revela a fala no vazio, sem sentido e não configura *diálogo*, nem capacidade de escuta.

O processo educacional coletivo decorre do diálogo. A práxis educativo-crítica é fundada na partilha dos anseios e dos saberes, e é igualmente fundante de uma educação **séria** e que valoriza a **alegria** de “estar sendo”. Desse modo:

A atividade docente de que a discente não se separa é uma experiência alegre por natureza. É falso também tomar como inconciliáveis seriedade docente e alegria, como se a alegria fosse inimiga da rigorosidade. Pelo contrário, quanto mais metodicamente rigoroso me torno na minha busca e na minha docência, tanto mais alegre me sinto e esperançoso também. A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo de busca. E ensinar e aprender não podem dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria (Freire, 2011, p. 139).

A seriedade da docência, não desconexa da alegria de ensinar e aprender, e vice-versa, permite a problematização do mundo. Se antes de ler a palavra os sujeitos já fazem a leitura do mundo, então problematizá-lo é uma questão de oportunidade. A superação da curiosidade ingênua em detrimento da curiosidade epistêmica ocorre a partir do domínio crítico e criativo do mundo. A leitura do mundo pressupõe a contemplação e a ação neste mundo de relações que se constitui, nem sempre manifestadas em palavras. Ler o que o mundo oferece e transformar sempre que necessário, isso em Saviani (2000), compreende-se por criar problemas, não apenas questões, mas problemas que estão ligados a uma necessidade de resolução para a evolução dos homens.

A tomada de consciência do inacabamento é inerente à condição humana, pois o ser humano se humaniza constantemente, por maior humanidade que haja nele. A compreensão do seu espaço, da sua profissionalização e experiência, enquanto docente, para então compreender o outro, colega e educando, e possibilitar que o ensino e aprendizagem partam dessa perspectiva de pensar sobre o mundo, reconstruir a leitura de mundo, aprender a aprender, refazendo-se a cada nova descoberta, a cada novo aprendizado. Como pensar a aprendizagem do outro? Seria este um problema, sobretudo quando pensamos os educandos oriundos das classes populares,

que chegam à escola e se veem em um mundo de relações com diferentes sujeitos que não são, muitas vezes, intelectuais orgânicos de sua classe? Contudo, esse entrelaçamento deve ser constantemente posto sob crítica e reflexão dos educadores e da comunidade, para se construir uma rede de fortalecimento dos sujeitos.

Considerações finais

A contribuição de Paulo Freire e outros intelectuais críticos para a educação é de suma importância, especialmente no que diz respeito às classes populares e aos movimentos sociais. Paulo Freire, em particular, desenvolveu uma pedagogia libertadora que valoriza a conscientização e a participação ativa dos alunos no processo de aprendizagem e de leitura do mundo. Sua visão crítica e calcada nos pressupostos da educação popular permite que os estudantes compreendam as estruturas de poder presentes na sociedade e se tornem agentes de transformação social. Além de Freire, outros intelectuais críticos enfatizam a importância de uma educação emancipatória, que capacita os sujeitos a questionarem as normas vigentes e a lutarem por mudanças sociais em lugares de ação.

A construção de espaços de reflexão é fundamental para o desenvolvimento de uma sociedade intelectualmente engajada e crítica. Esses espaços, que podem ser físicos ou virtuais, promovem a troca de ideias e o debate construtivo, de forma a proporcionar um ambiente propício para a ampliação do conhecimento e a formação de opiniões embasadas. Por meio dos espaços de diálogo, indivíduos são expostos a perspectivas diversas e são desafiados a questionar suas próprias crenças e preconceitos. A reflexão crítica, então, é estimulada, levando a um pensamento mais profundo e complexo. Mediante a construção desses espaços, é possível fomentar uma sociedade mais humana e capaz de analisar e compreender questões complexas, bem como de tomar decisões coerentes.

As conclusões que este relato traz remetem à importância do diálogo e da articulação da escolarização, da formação inicial e continuada de professores e dos movimentos sociais. A humanização constrói-se em cada ser humano, mas respalda-se no coletivo. É preciso estarmos abertos às autocríticas necessárias e sensibilizarmo-nos de que a universidade, mais do que exigir a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, em textos legais, deve criar espaços para que o diálogo com as demandas, sobretudo das classes populares, seja praticado e para que outros projetos sejam gestados.

Referências

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz & Terra, 2011.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1987. Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/espanhol/pdf/pedagogia_do_oprimido.pdf. Acesso em: 13 out. 2023.

GADOTTI, M. **Boniteza de um sonho**: ensinar-e-aprender com sentido. 2. ed. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2011.

PARO, V. H. **Gestão democrática da escola pública**. São Paulo: Cortez, 2000.

TROMBETTA, S. Alteridade. *In*: STRECK, D; REDIN, E; ZITKOSKI, J. (org.). **Dicionário Paulo Freire**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 34-35.

SAVIANI, D. **Educação**: do senso comum à consciência filosófica. 13. ed. Campinas: Autores Associados, 2000.

Submetido em 25 de março de 2023.

Aprovado em 3 de dezembro de 2023.